

Saberes, ancestralidade e currículo na educação profissional e tecnológica: a extensão e novas rotas possíveis

Tatiele Pereira de Souza^{1*} 

¹Instituto Federal da Paraíba – Brasil

*Autor de correspondência: tatieleufg@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa um curso de formação inicial e continuada (FIC), destinado a mulheres negras e quilombolas do sertão da Paraíba-PB, com o objetivo de apresentar uma experiência de educação afirmativa, afrocentrada e antirracista. Parte-se da metodologia qualitativa com o enfoque na pesquisa-ação, visando desnudar os impactos desse tipo de curso na vivência das estudantes. Os resultados colocam em perspectiva uma reflexão sobre outras lógicas de possibilidades de construção de cursos, currículos e de produção de saberes que transgridam aqueles já sedimentados na educação tradicional. Tais iniciativas podem servir de exemplo para ações democráticas, inclusivas e voltadas para a promoção da equidade étnico-racial e de gênero no âmbito da educação profissional, técnica e tecnológica.

ABSTRACT

This article analyzes an initial and continuing training course (FIC), aimed at black and quilombola women from the backlands of Paraíba-PB, with the aim of presenting an affirmative, Afro-centered and anti-racist education experience. It starts with a qualitative methodology with a focus on action research, aiming to reveal the impacts of this type of course on the students' experiences. The results put into perspective a reflection on other logics of possibilities for constructing courses, curricula and producing knowledge that transgresses that already sedimented in traditional education. Such initiatives can serve as an example for democratic, inclusive actions aimed at promoting ethnic-racial and gender equity within the scope of professional, technical and technological education.

RESUMEN

Este artículo analiza un curso de educación inicial y continua (CII), dirigido a mujeres negras y quilombolas del sertão de Paraíba-PB, con el objetivo de presentar una experiencia de educación afirmativa, afrocéntrica y antirracista. Se utiliza una metodología cualitativa con enfoque en la investigación-acción, buscando revelar los impactos de este tipo de cursos en las experiencias de los estudiantes. Los resultados ponen en perspectiva una reflexión sobre otras lógicas de posibilidades de construcción de cursos, currículos y producción de conocimientos que transgredan las ya establecidas en la educación tradicional. Este tipo de iniciativas pueden servir como ejemplo de acciones democráticas e inclusivas orientadas a promover la equidad étnico-racial y de género en el ámbito de la educación profesional, técnica y tecnológica.

PALAVRAS-CHAVE:

Currículo
Cursos FIC
Educação para as
relações étnico-raciais
Educação profissional e
tecnológica
Projetos de extensão

KEYWORDS:

Curriculum
Education for ethnic-
racial relations
Extension projects,
professional and
technological education
FIC Courses

PALABRAS-CLAVE:

Currículo
Cursos FIC
Educación para las
relaciones étnico-raciales
Proyectos de extensión,
educación profesional y
tecnológica

SUBMETIDO: 19 de junho de 2025 | **ACEITO:** 07 de julho de 2025 | **PUBLICADO:** xxx de xxx de 2025

© ODEERE 2025. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Introdução

Eu quero aprender a usar o jumbo! Eu poderia começar este artigo de diversas formas, mas decidi começar pela fala de uma mulher preta, quilombola, nordestina, do alto sertão da Paraíba, que foi a agente responsável pela construção do 1º curso FIC de Tranças, Turbantes e Saberes Ancestrais realizado em um Instituto Federal. Essa fala foi reproduzida no âmbito da Semana da Consciência Negra, em 2022, durante uma oficina de tranças e turbantes e foi o estopim para, mais tarde, desenvolvermos um curso voltado para as mulheres negras e quilombolas, com foco no desenvolvimento e aprimoramento dos saberes relacionados à feitura das tranças e dos turbantes e na educação afrocentrada e antirracista. Esse é o contexto que traça o objetivo deste artigo, qual seja: registrar uma forma de educação afirmativa, afrocentrada e antirracista, constituída no âmbito da produção de um curso de formação inicial e continuada (FIC), voltado para o empoderamento de mulheres negras. Têm-se como objetivos específicos: 1) Apresentar a construção do curso e do currículo pautado em saberes ancestrais, na valorização da estética dos povos africanos e afrobrasileiros e na epistemologia feminista negra; 2) Apresentar a perspectiva pedagógica do curso, fundamentada na construção coletiva, plural e horizontalizada dos processos de ensino e aprendizagem; 3) Realizar um reflexão sistemática sobre a questão da permanência e êxito de mulheres no curso a partir da centralidade de uma educação transgressora, significativa e acolhedora.

Parte-se da metodologia qualitativa com o enfoque na pesquisa-ação, em que a relação dialógica, participativa e reflexiva orienta o processo de sistematização das atividades e seleção de materiais. A análise é constituída a partir da teoria fundamentada (STRAUSS; CORBIN, 2008), complementando a construção reflexiva, sistemática e crítica da análise.

Como se separa as mechas para trançar os cabelos, o artigo está dividido em três partes. Primeiro, sem intenção de esgotar ou realizar uma revisão sistemática, traça-se um diálogo sobre educação antirracista, educação afrocentrada e currículo a partir de estudos e pesquisas no campo. A segunda parte resgata o caminho do curso, colocando em cena a produção do currículo e a construção das aulas. A terceira parte analisa o significado do curso na

perspectiva das cursistas. Por fim, têm-se as considerações finais que apontam para a potencialidade de produção de cursos afrocentrados e antirracistas para o fortalecimento da educação democrática e inclusiva na rede federal de educação.

Educação afrocentrada, currículo e possibilidades para a educação profissional, técnica e tecnológica

Para tratar sobre outras lógicas de curso e de produção de saberes orientados para uma educação afirmativa, afrocentrada e antirracista começo por bell hooks (2017) que em *Ensinando a transgredir* argumenta que suas práticas pedagógicas têm origem na interseção das pedagogias anticolonialista, crítica e feminista. A partir de um diálogo com Paulo Freire, a autora posiciona a questão do processo de ensino e aprendizagem em uma perspectiva que valoriza as percepções sobre educação de estudantes e docentes.

A autora compreende que a educação como prática da liberdade configura-se como um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Além disso, considera que a comunidade de estudantes tem almejado um tipo de conhecimento específico, um conhecimento significativo, ou seja, que nós docentes “não oferecemos informações sem tratar também da ligação entre o que eles estão aprendendo e sua experiência global de vida” (hooks, 2017, p. 33).

Tal premissa, torna-se importante para pensar os caminhos da educação e orienta os estudos sobre como as desigualdades constituem esse campo, aqui, o foco é pensar como o currículo e o tipo de curso ofertado pode contribuir para o fomento de políticas públicas com vistas à redução das desigualdades e orientados para a inclusão de grupos que têm acesso restrito às instituições educacionais. Pensar qualificação, permanência e êxito, exige considerar essa ligação entre o que se aprende e as experiências vividas (hooks, 2017).

É justamente isso, mas pela sua ausência, que os estudos sobre as relações raciais e o racismo na educação têm revelado ao longo da história de países marcados pela colonização: um currículo caracterizado pelo racismo, que durante muito tempo, apagou e escondeu a capacidade intelectual, científica, criativa, produtiva e política da população negra. Esse currículo, configura-se como uma

tecnologia racista orientada para afastar e dificultar a participação dessa população de forma plena no contexto educacional.

Práticas pedagógicas que invalidam a performance de crianças negras e suas potencialidades, que tratam como brincadeiras o que deveria ser tratado como racismo recreativo, que minam uma experiência positiva da perspectiva estética, intelectual, política e emocional da população negra são mecanismos que contrariam uma educação como prática da liberdade (CAVALLEIRO, 2000; SILVA, 2011; hooks, 2017).

Tais práticas estão assentadas no racismo estrutural organizado a partir da ideia de raça, compreendida como uma construção social de dominação e exclusão, assentada nos processos de colonização europeia, configurada pela construção de uma hierarquia racial, que não se sustenta no plano biológico, pois raças humanas não existem, mas têm como pilar um sistema orquestrado de crenças, políticas, valores, ideias e práticas que demarcaram uma hierarquia racial, sedimentada em processos de escravização e lucros reais para os colonizadores e toda a população branca. Para os grupos colonizados: marginalização, genocídio e apagamento da história e memória marcaram e ainda marcam a história dos povos negros e indígenas (MUNANGA, 2004; MOREIRA, 2019; SANTOS, 2022; OLIVEIRA, 2024).

Esse é o contexto que demarca a importância de compreender a educação e o currículo como um campo de disputas, em que o racismo no contexto educacional se constitui a partir do epistemicídio, como aponta Sueli Carneiro, que viabiliza a análise da

construção do Outro como não ser do saber e do conhecimento, seus nexos com o contexto da modernidade ocidental, na sua intersecção com o experimento colonial que se desdobra até o presente no campo do conhecimento, em instrumento de afirmação cultural e racial do Ocidente (CARNEIRO, 2023, p. 303).

O acesso ao conhecimento foi negado e limitado para a população negra e configura uma das tecnologias coloniais e neocoloniais utilizadas pelo sistema racista para mantê-la em condições de subalternidade. Negou-se o conhecimento por meio de leis, decretos, discursos e imagens de controle orientadas para afastar o povo preto da dimensão intelectual. Ao mesmo tempo, construiu-se uma

narrativa de história única, falsa, retirando todo o protagonismo dos povos do continente africano e indígena na produção de saberes ancestrais, tecnológicos, científicos, em suas mais diversas áreas (COLLINS, 2019; ADICHIE, 2019; CARNEIRO, 2023; PINHEIRO, 2023; OLIVEIRA, 2024).

As instituições escolares funcionaram como mecanismo de reprodução de saberes orientados para a reprodução do discurso colonial e reprodutores da colonialidade¹. Assim, dos livros às metodologias de ensino, a perspectiva eurocêntrica, tradicional, hierárquica, racista, machista e classista organizou esses espaços. Tais críticas têm sido fundamentais para o rompimento com tais práticas e para a produção e proposição de novas pedagogias, currículos e concepções de educação (ADICHIE, 2019; CARNEIRO, 2023; PINHEIRO, 2023; OLIVEIRA, 2024).

Apesar da negação, é categórico reconhecer a agência da população negra que resistiu a essas políticas e desenvolveu práticas e tecnologias educacionais para preservar sua memória e história afirmativa.

Em artigo recente, Jaqueline Oliveira (2024) analisou sociologicamente a educação da população negra no Brasil. Ela apresenta não apenas o quadro de interdições, no séc. XIX, mas coloca o protagonismo, estratégias e resistências da população negra para garantir o acesso à educação, afirmando que “atuaram como sujeitos históricos na busca pelo letramento por meio de tensionamentos e estratégias não-formais de aprendizagem” (OLIVEIRA, 2024, p. 7).

Nesse contexto, não se pode deixar de falar do movimento negro, ferramenta importante de educação da população negra e que lutou e orientou a construção de políticas públicas que rompessem com tais violências, a exemplo da lei 10.639 e 11.645 e da política de ações afirmativas no campo da educação e emprego (GOMES, 2017).

Na mesma perspectiva, Barbara Carine no livro “Como ser um educador antirracista” afirma que o antirracismo é pouco. Quando a referida autora

¹ Conforme Joaze Bernardino (2023, p. 101), “Se a modernidade é uma narrativa que exalta as realizações do mundo ocidental, a colonialidade é o que essa narrativa esconde e disfarça. Em outras palavras, a colonialidade é o lado mais obscuro do ocidentalismo, pois é a narrativa que rompe o encobrimento do outro (Dussel, 1994), revelando as contradições, omissões e apagamentos do discurso da modernidade, que alegam que as frequentes invasões e desrespeito aos povos (Desde 1492 até as mais recentes invasões e/ou ameaças de invasões no Oriente Médio e em outras áreas do globo) são feitas sob pretexto do avanço dos projetos civilizatórios, modernizadores e democráticos”.

apresenta a proposta da escola Maria Felipa, ela trata da importância da educação afrocentrada. Da necessidade de afirmarmos os saberes e o legado dos povos africanos e indígenas. Nesse aspecto, não se trata de negar a desumanização imprimida pelas tecnologias racistas dos povos colonizados, torna-se fundamental afirmar a produção, os saberes, o legado e o conhecimento. Como aponta a autora,

[...]Não precisamos dizer para elas “o seu cabelo não é feio”; nós simplesmente afirmamos “o seu cabelo é lindo”; não precisamos dizer que elas não vieram de escravizados; nomeamos cada turma em homenagem a reinos africanos e ameríndios (Kush, Ashanti, Daomé, Mali, Maia, Inca, Povos Tupinambás, Kemet, etc.) e dizemos “você descende de reis e rainhas” [...] (PINHEIRO, 2023, p. 81).

No campo das possibilidades de colocar em cena outras lógicas de pensar a educação, o currículo e os cursos, torna-se importante inspirar-se nos ensinamentos que a educação quilombola apresenta. Nego Bispo ao afirmar que é contracolonial define um lugar necessário: a contracolonialidade é a recusa ao modo de vida colonial de existir, ou seja, “O contracolonialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender” (SANTOS, 2023, p. 36). Os povos quilombolas são múltiplos e a contracolonialidade é um modo de vida que se contrapõe à colonialidade. Tal posição reverbera nos modos de vida e, portanto, nos modos de pensar o campo da educação.

Tais estudos e pesquisas desnudam a relação entre educação e colonialidade, ao mesmo tempo, permitem trabalhar no contexto da decolonialidade, da contra-colonialidade, de perspectivas afrocentradas e antirracistas para operacionalizar novos modos de pensar a educação: dos cursos às práticas de ensino.

O curso de Tranças, turbantes e saberes ancestrais, inspira-se em tais perspectivas: coloca-se em foco os saberes ancestrais da produção das tranças e turbantes, a cultura, a beleza, o conhecimento de mulheres negras para desenvolver o processo de ensino e aprendizagem e, assim, pensar em outras lógicas de produção de saberes no âmbito da EPT. A próxima parte será dedicada a analisar a construção do curso de formação inicial e continuada, orientado para mulheres negras.

A produção do curso de formação inicial e continuada no contexto da educação profissional e tecnológica: Tranças, turbantes e saberes ancestrais

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia foram criados a partir da lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008 e são instituições pluricurriculares e multicampi que ofertam educação superior, básica e profissional com foco na educação profissional, tecnológica e humanística por intermédio do ensino, da pesquisa e da extensão com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento de uma formação integral voltada para a cidadania, para o mundo do trabalho e para uma atuação inclusiva e democrática.

Dentre as diferentes modalidades de ensino, destacam-se os cursos de formação inicial e continuada (FIC) ou qualificação profissional para o trabalho. Segundo a resolução-CS nº 78, de 13 de dezembro de 2019, aprovada no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia da Paraíba, doravante IFPB, Art. 4º, são

cursos abertos à comunidade, que têm como finalidade promover capacitação, qualificação, aperfeiçoamento e atualização de conhecimentos a profissionais para a inserção produtiva e exitosa de trabalhadores no mundo do trabalho, nas áreas da educação profissional e tecnológica, em consonância com a realidade local, regional e nacional, independentemente dos níveis de escolaridade.

O Curso de Tranças, Turbantes e Saberes Ancestrais enquadra-se como um curso de formação continuada, com carga horária de 100 horas, voltado para capacitar as participantes para o aprendizado das habilidades e técnicas necessárias para a realização das tranças e turbantes.

O curso foi possível a partir da articulação de três ações principais: 1) Os projetos e ações de extensão do núcleo de estudos afro-brasileiros e indígenas – NEABI - no campus; 2) A ação da Pró Reitoria de Extensão e Cultura - Edital nº 06/2023 - Programa Institucional de Capacitação em Liderança e Empoderamento da Mulher no Mercado de Trabalho - IFPB EMPODERA, que implementou o programa de capacitação em liderança e empoderamento da mulher no mercado de trabalho; 3) A presença de profissionais comprometidas com a

inclusão e com formação em educação para as relações étnico-raciais, coordenando projetos de extensão na área. Vale detalhar tais ações com o objetivo de apresentar o contexto profícuo para o surgimento de tais propostas.

Trançando políticas de curso afrocentrados: o NEABI, os editais de fomento e o corpo docente e administrativo

O núcleo de estudos afro-brasileiros e indígenas², no IFPB - Campus Cajazeiras-PB, têm por objetivo promover ações de ensino, pesquisa e extensão voltadas para a temática das identidades e relações étnico-raciais no âmbito da instituição e em suas relações com a sociedade, para o conhecimento e a valorização histórica e cultural das populações afrodescendentes e indígenas e tem como eixo a promoção do respeito e celebração da diversidade.

Atuei como coordenadora do NEABI³ entre março de 2022 e setembro de 2023 no campus Cajazeiras-PB. É nesse período que a trajetória da produção do curso é traçada e alinha a relação entre ensino, pesquisa e extensão.

O ensino e a pesquisa foram fundamentais na construção do curso. Como professora de sociologia, ao ingressar no IFPB-Campus Cajazeiras-PB, iniciei uma pesquisa sociológica sobre o perfil e as trajetórias de estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio. Os resultados revelaram uma dinâmica marcada pelo crescimento da participação de mulheres nos cursos técnicos integrados, com maior permeabilidade em áreas como edificações e eletromecânica e menor permeabilidade no curso de informática⁴. Também foi possível identificar desigualdades raciais e a baixa participação de estudantes da periferia da cidade no campus.

Este cenário foi associado a um teste básico: olhar para a composição das turmas dos cursos superiores e perceber as desigualdades de gênero, raciais e territoriais que conformavam o perfil das/dos estudantes atendidos na instituição. Desse modo, a escolha dos temas e a realização dos projetos do NEABI foram

² A resolução 61/2023 dispõe sobre o regulamento dos NEABIs no âmbito do IFPB.

³ No IFPB, os NEABIs possuem coordenação em todos os campi, mas ainda não contam com uma pró-reitoria ou coordenação centralizada.

⁴ O campus ofertava os seguintes cursos técnicos integrados ao ensino médio: Edificações, eletromecânica, informática.

orientadas pela pesquisa produzida e pelo ensino, demarcada por um olhar interseccional de docente.

No âmbito do NEABI, foi possível desenvolver um conjunto de projetos, ações e eventos de extensão orientados para a promoção da equidade racial, entre os anos de 2022 e 2023. Para tratar do foco deste trabalho, destaca-se o projeto de extensão intitulado: NEABI vai à campo⁵ que mapeou as comunidades, coletivos e movimentos vinculados à promoção da equidade étnico-racial na região e, assim, foi possível estabelecer conexão entre a instituição e a comunidade quilombola 40 negros.

É no âmbito da Semana da Consciência negra, evento de culminância do projeto de extensão, que o curso FIC é gestado. A oficina de tranças e turbantes, foi uma das atividades ofertadas no evento de extensão, conduzida por duas mulheres: Karolaine Silva, historiadora, artista e ativista e Maria Rafaela, trancista e DJ, ambas vinculadas à coletivos negros e movimentos feministas da cidade. Diante da alta demanda de participantes na oficina, destinamos vagas específicas para mulheres da comunidade quilombola que desejassem trançar o cabelo. Durante a oficina ao perguntar se alguém da comunidade quilombola gostaria de trançar o cabelo, integrante da plateia, declara que não quer trançar o cabelo, mas deseja aprender as técnicas específicas de trançado com o jumbo.

Tal exposição coloca o NEABI, como núcleo vivo⁶, o coração que liga a instituição às necessidades da comunidade. Esse é o estopim para a questão: e se realizarmos um curso com o objetivo de construir, compartilhar, e fortalecer saberes estéticos e culturais sobre o trançado e os turbantes? A fala potente: “quero aprender”, ecoa e orienta a construção das ações do ano seguinte no âmbito do NEABI.

Apesar do desejo de construir o curso, precisávamos do fomento. Foi assim que a segunda ação imprescindível para o desenvolvimento do curso é

⁵ O nome completo do projeto é NEABI vai à campo: aproximação e reconhecimento das comunidades, coletivos e movimentos vinculados à promoção da equidade étnico-racial na região de Cajazeiras-PB.

⁶ Essa reflexão sobre a importância dos núcleos vivos coloca em cena a importância da atuação na prática e pode ser observada no livro *Práticas pedagógicas de Resistência*, onde há um capítulo no qual tal argumento é desenvolvido em conjunto com Felipe Luís Maciel da Silva intitulado *Para além da sala de aula: pequenas grandes mudanças a partir dos núcleos de inclusão no IFPE - Campus Belo Jardim*.

implementada: o IFPB lança o edital 06/2023 - Empodera - Programa Institucional de Capacitação e Empoderamento de Mulheres, prioritariamente em Situação de Vulnerabilidade Social, para atuação no Mercado de Trabalho (IFPB - Empodera).

Publicado em abril de 2023, este edital viabilizou, no aspecto financeiro e administrativo, a construção do curso orientado para o empoderamento feminino negro, por meio do aprendizado e resgate de saberes ancestrais, da cultura e estética negra, a partir do ensino da feitura de tranças e turbantes, promovendo renda e fortalecimento dos saberes, da estética e da valorização da cultura Africana e afro-brasileira.

A princípio unem-se servidoras docentes, técnicas administrativas e parceiras sociais, vinculadas ao movimento negro e feminista, que já haviam participado da Semana da Consciência Negra, com o objetivo de produzir o projeto que daria origem ao curso. Desenvolvemos um projeto de extensão com uma proposta de curso⁷, o projeto foi selecionado e, assim, originou-se o Curso de tranças e turbantes: fortalecimento da identidade negra e empreendedorismo negro.

O projeto contava com o apoio financeiro de R\$4.000,00 reais, duas bolsas para alunas do instituto vinculadas ao projeto de extensão e duas bolsas para alunas do curso FIC. O valor era baixo e foi utilizado para custear o serviço das professoras de tranças e turbantes e materiais para a realização do curso.

Para custear despesas extras organizamos uma rede de apoio ampla e colaborativa. Algumas mulheres da comunidade quilombola forneceram delícias culinárias, a preço baixo, enquanto outras pessoas se voluntariaram para transportar as professoras sem custo. Instituições parceiras disponibilizaram espaços para atividades específicas. Professoras especializadas em áreas como economia, administração e finanças ministraram aulas gratuitamente e organizações como o sindicato contribuíram financeiramente para atividades educativas específicas.

O terceiro elemento essencial para a execução do projeto refere-se a quem implementa as ações de inclusão na política pública. Nesse momento, registra-se a relevância da área de Sociologia para as instituições educacionais e de servidoras técnico-administrativas preocupadas com a inclusão.

⁷ As mulheres que participaram da primeira fase de organização do curso são: nomes preservados para avaliação.

A disciplina Sociologia é fundamental para o desenvolvimento do senso crítico e análise científica da sociedade. Além disso, as/os profissionais da área tem uma formação importante no campo da compreensão dos processos de estratificação social, bem como na viabilização de políticas públicas. A formação em relações étnico-raciais e de gênero conforma os requisitos que permitem o desenvolvimento do projeto.

Além da docência, é preciso destacar o corpo administrativo, com foco na servidora técnico-administrativa formada em LIBRAS, com um olhar atento para a inclusão, bem como na profissional da área de enfermagem, preocupada com a questão da saúde mental da população discente. Aqui, há um quadro importante de profissionais que viabilizaram a execução da política pública, fazendo cumprir a lei 10.639 e promovendo equidade de gênero, executando uma das políticas da instituição.

Essa parte precisa ser finalizada reafirmando os aquilombamentos no interior das instituições: quilombos são espaços orientados para a produção de justiça social, demarcam a ancestralidade africana e a organização contra o racismo e a colonialidade, bem como protegem, projetam e perspectivam formas simbólicas, políticas e econômicas de produzir, viver, transgredir e manter uma cultura viva. Como bem apontou Beatriz Nascimento, são fundamentais para o processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para fins de uma autoafirmação nacional (BEATRIZ NASCIMENTO, 1985, p. 48).

Em tempos de novo ensino médio que resgata velhas propostas, fundamentadas na exclusão e redução do tempo de disciplinas da área de humanidades, como a sociologia, é imperativo demonstrar a visibilidade da atuação dessas áreas para uma educação pulsante. Excluir tais disciplinas é, também, excluir as profissionais que performam em tais áreas e que acumulam conhecimentos valiosos para as instituições. A próxima parte será dedicada a apresentação do currículo e dos pilares que orientaram a construção pedagógica do curso.

Ensinando a transgredir: o currículo, as aulas e o processo de ensino e aprendizagem

Em ensinando a transgredir, capítulo *A construção de uma comunidade pedagógica*, bell hooks (2017, p. 175) coloca em perspectiva os sistemas de dominação que organizam “o ensino, o que ensinamos e como ensinamos”. A autora destaca o caráter revolucionário da experiência pessoal e da importância de que, para além de um tema revolucionário, a subversão precisa ocorrer na dimensão do processo de ensino, onde “deixar que seus/suas alunos/as, ou você mesma, falem sobre suas experiências; o ato de partilhar narrativas pessoais, ligando esse conhecimento à informação acadêmica, realmente aumenta nossa capacidade de conhecer” (hooks, 2017, p. 198).

Alinhada a essa prática pedagógica, quanto ao ensino e como ensinamos, um curso pensado e produzido por e para mulheres partiu de alguns princípios: 1) As crianças são bem-vindas. É impossível pensar um curso para as mulheres onde as crianças não possam estar presentes. Segue figura abaixo, que demonstra a participação das crianças em uma das aulas realizada na cidade de Triunfo-PB.



Fonte: Thais Norberta Bezerra de Moura.

Em condições ideais, as cidades ofertariam creches, as instituições escolares, empresas e/ou associações teriam espaços específicos para as crianças serem acolhidas. As condições reais revelam que, inclusive os espaços educacionais, são construídos para um grupo muito específico de pessoas: que não são cuidadoras e cuidadores, sobretudo, de crianças. Não permitir que crianças entrem em determinados espaços é não permitir que mulheres estudem e se qualifiquem, quando estudos mostram que a maior parte das mães solo, são mulheres negras, temos aí uma dupla discriminação ou tripla, quando se analisa a questão de renda

e, assim, a conformação de processos que excluem tais grupos do acesso à educação (CEERT, 2024).

Durante o período de matrícula, uma das candidatas perguntou se poderia levar a filha, pois, caso contrário, ela não poderia se matricular. A nossa resposta foi: Sim! E, a partir de então, construímos dinâmicas e organizamos materiais como lápis de colorir e desenhos para que as crianças pudessem ser acolhidas em nossas atividades.

Uma das aulas práticas foi realizada no mês de outubro, em alusão ao Dia das Crianças; com o apoio do sindicato da categoria⁸, conseguimos comprar lanches, lembrancinhas e a atividade prática foi realizada na associação da comunidade quilombola quarenta negros, em que as tranças foram realizadas nas próprias crianças, além de brincadeiras, pinturas e atividades educativas.

Foi perceptível ver que as crianças que no início das aulas não permitiam que as tranças fossem feitas, no decorrer das aulas, foram tornando-se modelos para as estudantes do curso. Nesse sentido, acreditamos que as crianças também construíram laços e referências importantes de aprendizado sobre a valorização da estética e cultura africana e afro-brasileira.

Deve-se destacar que nem tudo ocorreu sem desafios. Uma de nossas atividades foi realizada em parceria com uma instituição que dispunha de lavatórios, necessários para uma de nossas aulas. No entanto, a presença de crianças, habitual em nossas ações, tornou-se uma dificuldade, pois, segundo a política da instituição parceira, o ambiente apresentava riscos, que comprometiam a segurança infantil. Sem um espaço adequado para acolhê-las, nossas bolsistas assumiram a responsabilidade de cuidar das crianças na sala de espera. Retratar esse momento é importante, pois, mesmo as instituições com maiores recursos e com políticas orientadas para a formação de mulheres, não dispõem de espaços específicos, como brinquedotecas, para que crianças possam ser recebidas.

⁸ SINTEFPB - Cajazeiras, contribuiu financeiramente para que pudéssemos desenvolver uma atividade de ensino voltada para as crianças da comunidade quilombola 40 negros.

2) As aulas não são tradicionais e hierárquicas. Partimos da compreensão de que todas têm saberes para serem compartilhados e o aprendizado também será compartilhado. Todas produzem, todas se ajudam.

A leitura é construída e compartilhada por todas: as aulas foram realizadas em círculos, distribuimos uma apostila e realizamos a leitura e discussão dos textos de forma conjunta, permeada pela análise da própria vivência. A transmissão oral foi uma técnica valorizada em nossas aulas e fomentou a participação ativa da maior parte das alunas, ao mesmo tempo, fortaleceu habilidades e competências que gostaríamos de desenvolver como capacidade de falar em público, reconhecimento de saberes e prática da escuta ativa. A oralidade é uma tecnologia africana e, assim, a usamos.

3) O curso é construído por todas! Organizamos e reorganizamos as aulas, repensamos os horários, as atividades para casa, o processo de entrega das atividades, com algumas finalidades: que todas pudessem realizar as atividades e aprender em seu tempo e que o aprendizado fosse significativo e colaborativo.

O tempo é uma dimensão preciosa para o processo de aprendizado e não cabe dentro de formalidades rígidas. Assim, apesar de seguirmos as formalidades necessárias, a dinâmica das aulas foi reorganizada em muitos momentos. A aula, por exemplo, estava prevista para começar às 14h00, no entanto, quando as estudantes da comunidade quilombola comunicaram que chegavam por volta de 12h50 e esperavam até às 14h00, em comum acordo, modificamos o horário para que o tempo de espera fosse menor.

Outro momento importante foi quando comuniquei a minha partida para outro campus. Com a finalidade de manter minha participação ativa, as aulas foram realizadas duas vezes na semana, a fim de que pudéssemos antecipar algumas aulas e manter o grupo unido o maior tempo possível.

O aprendizado não dá conta de calendários fechados quando o assunto é datas marcadas de provas e trabalhos, assim, as atividades avaliativas, em sua maioria, consistiam em atividades práticas e colaborativas e, quando necessitava-se de mais tempo para apresentar uma tarefa realizada, que poderia ser um trançado específico, um vídeo ou um áudio sobre um tema específico, o tempo era concedido. Em muitos momentos, a iniciativa de colegas que mostravam o

caminho, o jeito de fazer, foi fundamental para que as estudantes que tinham alguma dificuldade pudessem efetuar as tarefas com sucesso.

4) Os espaços de aula transcendem a sala de aula. As aulas foram realizadas em diferentes espaços: na cidade de Triunfo-PB, onde moram as alunas da comunidade quilombola 40 negros. Na cidade de Cajazeiras-PB, onde localiza-se o instituto e em instituições parceiras.

Na cidade de Triunfo-PB as próprias alunas organizaram os espaços que utilizamos: um centro cultural, uma escola pública e o espaço da associação quilombola, inclusive, organizando os lugares de almoço e lanche, onde pudemos compartilhar conhecimento para além dos momentos de aula.

O curso ofertou 15 vagas e deveria ser realizado em 16 semanas. Essas semanas, como demonstrado, foram reorganizadas ao longo do caminho, em alguns momentos com atividades práticas em casa, em outros momentos, com aulas duas vezes na semana no campus e na cidade de Cajazeiras e, em outros momentos, com atividades imersivas realizadas, durante o dia todo, aos fins de semana na cidade de Triunfo-PB.

O que ensinamos?

O curso foi estruturado a partir de três disciplinas que buscaram resgatar a potencialidade dos saberes produzidos pelos povos africanos e afro-brasileiros. Assim, a disciplina *Tranças, Turbantes e Saberes Ancestrais* traçou ensinamentos sobre empoderamento e identidade cultural das mulheres negras; tranças para iniciantes: a cultura do cabelo subalterno; técnicas: trança solta e trança nagô; técnica de Alimentação e camuflagem de trança; entrelace e crochet braid; práticas; cuidados e limpeza; meu turbante, minha coroa: história e técnicas para o uso do turbante e práticas supervisionadas (SANTOS, 2022).

Nas aulas discutimos sobre empoderamento⁹, sobre a beleza dos cabelos crespos e cacheados e, também, sobre o preconceito e a discriminação que envolve a estética africana e afro-brasileira. Todas as mulheres falaram sobre

⁹ O conceito de empoderamento é compreendido como reivindicar o poder de si. Mas essa reivindicação, não se constrói apenas de modo individual, mas de forma coletiva (BERTH, 2019).

situações de preconceito racial vivenciados nos mais diversos espaços sociais, inclusive no contexto escolar, em que os cabelos crespos e cacheados foram alvo de comentários e práticas racistas. A desconstrução em torno da ideia de um “cabelo ideal”, colonizadora, foi realizada em todas as aulas, ao mesmo tempo que a afirmação da potência e da beleza dos cabelos crespos e cacheados, das tranças e turbantes foi fortalecida, permitindo resgatar e criar memórias positivas no contexto da valorização da estética negra.

Na disciplina empreendedorismo negro colocamos em evidência a história das mulheres negras com o campo da administração, comércio e serviços. Essa “veia” para o comércio e administração remonta à ancestralidade e a estratégias de sobrevivência dessas mulheres evidenciadas em muitas etnias africanas que realizavam atividades voltadas para o comércio (SIMON, Jersey, 2022). Demonstrou-se que, mesmo em períodos de ataque aos direitos humanos, demarcado pelo período da escravidão no Brasil, essas mulheres realizaram atividades orientadas para a administração, comercializando produtos e serviços que viabilizaram a construção de estratégias de produção da liberdade e sobrevivência de si e dos seus. Outros temas trabalhados nessa disciplina relacionaram-se às finanças pessoais, administração de microempreendimentos e como atribuir valor a serviços realizados, bem como a importância do empoderamento e independência financeira para as mulheres.

Por fim, a disciplina atividades complementares foi construída com o objetivo de colocar em prática a vivência aprendida nas aulas a partir de eventos de extensão, ações voltadas à promoção e venda dos serviços, que seriam realizadas no campus e para além dele. Nesta disciplina, técnicas relacionadas à organização de eventos, preparação de ações e atividades orientadas para a promoção e valorização das tranças e turbantes foram desenvolvidas. A partir do projeto “Nossos Cabelos são de Rainhas e Reis”: Oficina e mostra artístico-cultural, as estudantes foram instigadas a prepararem o evento.

O evento seria realizado na Semana da Consciência Negra (2023) e contaria com a cerimônia de certificação do curso, exibição de série¹⁰ sobre a

¹⁰ O título da série é: Tranças: Desenhos Da Liberdade - Resistência, Estilo e Cuidado, elaborado pela TV Olhos D'Água, da Universidade Estadual de Feira de Santana, disponível no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=bY3n0e3kGek>

potencialidade dos cabelos crespos e das tranças, bem como com o desfile. Quanto ao desfile, as cursistas optaram por realizar a atividade na comunidade quilombola e as outras atividades no Campus da instituição.

Quanto ao desfile, que seria realizado em dezembro, na comunidade, foi suspenso. Infelizmente, no dia 23 de novembro de 2023, a Comunidade Quilombola 40 Negros estabelecia luto em memória do senhor Adauto Pereira da Silva, membro da comunidade e familiar de algumas das estudantes do curso. Nós, do curso de tranças, turbantes e saberes ancestrais sentimos muito e, em respeito e solidariedade a comunidade, suspendemos o desfile.

Assim, o que seria um desfile, foi substituído por uma atividade em que as estudantes deveriam apresentar o trabalho final: um penteado de tranças e/ou turbantes, que deveria ser fotografada e realizar um áudio explicando o que significou o curso para elas. Esse material foi tão rico que além de ser utilizado para a produção desse artigo, tornou-se um projeto de audiovisual premiado em evento institucional. A dimensão desse significado será tratada na próxima parte.

O que significou o curso para as cursistas?

A metodologia da pesquisa-ação orientou todo o processo de produção do curso de extensão, em que a relação dialógica, participativa, colaborativa e reflexiva consolidou o caminho da construção e desenvolvimento do curso, sempre com o foco na produção de conhecimentos afrocentrados e saberes orientados para o conhecimento, empoderamento e fortalecimento das cursistas. Como apontam Santos et al. (2024), a flexibilidade e adaptabilidade dessa metodologia constitui-se a partir de uma perspectiva cíclica que permite um planejamento baseado na ação e reflexão. É justamente tal relação que permite que a solução de problemas e o alcance de estratégias sejam alcançados.

Todo o processo de construção do curso constituiu-se a partir de atividades contínuas de avaliação referentes ao processo de ensino-aprendizagem. As avaliações eram realizadas após as atividades e, em formato de círculo, as estudantes podiam falar sobre suas percepções acerca das aulas e atividades realizadas. Tais percepções eram anotadas e/ou gravadas e tornavam-se material para a produção das aulas seguintes.

O material empírico utilizado aqui resulta da sistematização e análise dessas atividades. Com o foco no significado do curso para as cursistas, utilizou-se, como material principal, os áudios produzidos pelas próprias alunas sobre o significado do curso. A questão aberta que orientou as respostas foi: "o que o curso significou para você?". Os áudios foram transcritos, analisados à luz da teoria fundamentada, caracterizada, conforme Strauss e Corbin (2008), por partir dos dados para a compreensão do fenômeno e desenvolvimento de teorias¹¹.

Foi possível identificar que os significados do curso para as estudantes se estruturaram a partir de três categorias principais: produção de vínculos afetivos e redes solidárias, empoderamento e autoconfiança, qualificação profissional e geração de renda.

A análise minuciosa dos dados permitiu evidenciar que os papéis sociais desempenhados pelas cursistas: mães, empregadas domésticas, donas de casa ou outras atividades de serviços, orientaram a importância atribuída à produção de vínculos afetivos e redes solidárias. Tais papéis sociais são marcados por relações pessoais, por vezes, servis, em que há pouca ou nenhuma convivência com pessoas de outros círculos sociais. Assim, a participação no curso trouxe a possibilidade de estabelecer relações sociais e vínculos exteriores aos quais elas estavam acostumadas. Tal significado pode ser evidenciado no relato de Dandara, Antonieta de Barros e Enedina Alves Marques¹², respectivamente:

"Realizei um penteado de trança nagô lateral que proporciona um penteado rápido, fácil e prático. Finalizo dizendo que o curso significou um ponto muito importante para mim de poder ter mais conhecimento sobre as tranças e conhecer pessoas também e gostei muito do curso" (Cursista, Dandara, membra da comunidade quilombola 40 negros).

"Olá, esse é um penteado simples: é a trança nagô solta. [...]Em relação ao curso, primeiramente, agradecer a Deus e segundo as meninas do curso que me ensinaram bastante. Entrei nesse curso através do convite, fiz o aperfeiçoamento, aprendi bastante, muitas amizades e que deus abençoe cada uma de nós e que venha muitos e muitos cursos para a gente participar,

¹¹ A teoria fundamentada nos dados elaborada por Strauss e Corbin (2008, p. 24) os métodos qualitativos permitem compreender fenômenos como sentimentos e emoções, difíceis de extrair em outros métodos de pesquisa. O processo de codificação refere-se à análise dos dados a partir da divisão, conceituação e integração dos dados com o objetivo de formar uma teoria.

¹² Os nomes foram modificados e buscaram homenagear mulheres negras que contribuíram para a sociedade brasileira e para o mundo. É possível conferir a história dessas mulheres na página da Fundação Cultural Palmares, no link: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/departamentos/fomento-a-cultura/personalidades-notaveis-negras-1>

fazer amizades. é isso!" (Cursista, Antonieta, membra da comunidade quilombola 40 negros).

O que eu quero dizer é que eu amei o curso, foi maravilhoso, para aprender muita coisa, conhecimento, amizades que vou levar para o resto da vida. Foi bom, foi maravilhoso. (Cursista, Enedina, membra da comunidade quilombola 40 negros).

Os cursos voltados para as mulheres negras colocam um elemento muito importante: a possibilidade de novas relações sociais e de amizade, para além do espaço privado ou de trabalho e permite que as estudantes possam resgatar sonhos e desejos de continuar os estudos e aprender mais. Aqui, tem-se a confirmação de que o aprendizado precisa ser significativo, colaborativo, participativo e afetivo. Os vínculos que as estudantes formaram, contribuíram para fortalecer e produzir sentimentos positivos sobre o curso.

A autoconfiança e empoderamento configurou-se como um estímulo para continuar os estudos, como pode ser observado no depoimento de Luísa Mahin:

"Como todas vocês já sabem que eu não sou muito boa de conversar, vou contar para vocês aqui o que eu aprendi com o curso. Quando eu fui para fazer o curso que eu iniciei, não fui com muita vontade não, fui porque uma pessoa me indicou. Depois que eu comecei a ir eu fui gostando e eu queria ir cada vez mais fundo, concluir o curso. Desse curso surgiu uma nova vontade em mim, que eu já tinha muito medo de fazer, mas foi daí que eu consegui dar a iniciativa de unha em gel. Eu consegui fazer o curso de unha em gel e agora já tenho meu espaço nessa área de nail design e já estou trabalhando. Eu só tenho a agradecer a vocês, agradecer a todo mundo do curso, foi muito bom os dias que a gente passou e muito obrigada a todas" (Cursista, Luísa Mahin, moradora da cidade de Cajazeiras-PB)

A qualificação profissional e a geração de renda também demarcaram o significado do curso, como é possível evidenciar nas falas de Mercedes Baptista e Miriam Makeba:

Venho aqui mostrar um penteado que é uma Tiara Nagô desenhada meia cabeça e a proposta é um penteado elegante e ao mesmo tempo prático em que você pode utilizar em qualquer ocasião. Venho aqui também falar qual foi a minha experiência sobre esse curso: foi uma experiência maravilhosa, trouxe muitos saberes, descobertas maravilhosas, grandes amizades, que eu pretendo levar para toda vida. Sem contar que a proposta do curso foi alcançada: levar o empoderamento para a mulher negra e, além de tudo gerar uma fonte de renda (Cursista, Mercedes Baptista, membra da comunidade quilombola 40 negros).

Trouxe aqui a modelo Vitória e a minha proposta de penteado é uma trança nagô lateral que é super arrumada para qualquer ocasião, sem lar na praticidade que é o cabelo trançado. De sempre estar pronta, fácil de cuidar e nos deixa muito mais belíssima. A minha experiência com esse curso foi incrível, aprendi muitas coisas, eu me identifiquei muito com o curso e vou levar tudo que aprendi para vida, foi muito gratificante aprender e trocar conhecimentos com cada uma de vocês. Só tenho a agradecer e obrigada por tudo. Que venha mais oportunidades assim! (Cursista, Miriam Makeba, membra da comunidade quilombola 40 negros).

A análise dos dados permitiu evidenciar que o significado do curso para as estudantes é marcado por sentimentos, emoções e perspectivas positivas em relação ao curso. A relação entre vínculos afetivos, conhecimentos afrocentrados e geração de renda e trabalho organizaram um contexto que demarca a potencialidade de pedagogias afrocentradas e antirracistas na produção e promoção dos saberes.

Amarrando os fios: o poder da construção de saberes afrocentrados e da relação com a comunidade

Esse artigo retoma a construção de um curso FIC em Tranças, Turbantes e Saberes Ancestrais, no âmbito da educação profissional e tecnológica, para reafirmar a potencialidade da rede como indutora de cursos afrocentrados, antirracistas, comprometidos com os saberes locais e, assim, com o fortalecimento de uma educação democrática.

Em consonância, conclui que é possível e exitoso fomentar a produção de cursos que afirmem a potencialidade de pessoas pretas e, especificamente, de mulheres pretas. Rompendo com as práticas que organizam o epistemicídio no campo da educação e, ao mesmo tempo, exaltando práticas que orientam caminhos para uma educação emancipadora que ensina a transgredir.

O artigo demonstra que cursos voltados para as mulheres e a população negra podem e devem se constituir a partir das tecnologias sociais e ancestrais no interior dos institutos federais. Tais cursos, além de gerar renda, também são propulsores de sonhos e indutores de novos campos de possibilidades.

Mas, torna-se importante reafirmar: não é qualquer curso. A experiência apresentada aqui sugere que independente da modalidade: FIC, Técnico, Tecnólogo, Subsequente, Integrado ou Superior, a perspectiva afrocentrada deve

ser considerada. Isso quer dizer que é preciso existir uma conexão real com a comunidade, que as/os docentes do curso precisam estar comprometidas/os e formados/as não apenas para ensinar técnicas, mas para construir experiências positivas educacionais para grupos que, por vezes, só experienciaram racismo, machismo e violências.

O resgate é de produção da autoestima, de afirmação de que o lugar do conhecimento é delas e para elas, e, mais do que isso: de que aprender é um direito. Tal perspectiva contribui para o processo de ingresso, permanência e êxito e potencializa comunidades vulnerabilizadas.

O curso realizado foi transformador, mas é preciso afirmar que a escolha por desenvolver o curso e executá-lo não dependeu de uma ou um docente. É preciso dizer isso, para evitar o adoecimento. É necessário haver uma confluência, no caso em questão: políticas públicas, núcleos, editais de fomento e um corpo de servidoras, estudantes, artistas confluíram na produção do curso. É preciso de uma rede, de um grupo que permita o aquilombamento nessas instituições para que as ações se materializem. Ainda há muito por fazer!

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BERNARDINO, Joaze. **Decolonialidade**. In: RIOS, Flávia; SANTOS, André; RATTI, Alex (org.). *Dicionário das Relações étnico-raciais contemporâneas*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2023, p. 99-104.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil**. São Paulo: Summus, 2000.

CEERT. Mãe negra e a realidade no mercado de trabalho. **Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT**, São Paulo, 12, maio de 2024. <https://ceert.org.br/noticias/100087/mae-negra-e-a-realidade-no-mercado-de-trabalho>.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, identidade e etnia**. In: BRANDÃO, André Augusto. *Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*. Ed. EDUFF, Rio de Janeiro, 2004, p. 16-34.

NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra**. *Afrodíaspóra*, n. 6-7, p. 41-49, 1985.

OLIVEIRA, Jaqueline Pereira de. **Educação da população negra no Brasil: interdições, resistências e ações afirmativas**. *Revista Estudos Aplicados Em Educação*, v. 9, 2024. https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_estudos_aplicados/article/view/9519/4260.

PINHEIRO, Bárbara Carine S. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta Brasil, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Luane Bento dos. **“Trancista não é cabeleireira!”: identidade de trabalho, raça e gênero em salões de beleza afro**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-Rio. Rio de Janeiro (RJ), 2022.

SILVA, Ana Célia da. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? por que mudou?** Salvador: EDUFBA, 2011.

SIMON, Jersey. **Empreendedorismo negro e feminino resiste através da história**. *Notícia Preta*, 29 de junho de 2022. <https://noticiapreta.com.br/empreendedorismo-negro-e-feminino-resiste-atraves-da-historia>

SANTOS, Josivaldo Constantino dos; NEVES, Oseias Carmo; LUCENA, Ilza Rodrigues Pereira; PEREIRA, Eliziane Gonçalves; SILVA, Eulina de Almeida da. **A pesquisa-ação como ferramenta de formação continuada no ProfSocio: potencialidades para o ensino de Sociologia na educação básica**. *Contribuciones a las ciencias sociales*, [S. l.], v. 17, n. 10, p. e11783, 2024. <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.10-274>

STRAUSS, Anselm. CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Porto Alegre: Artmed, Bookman, 2008.